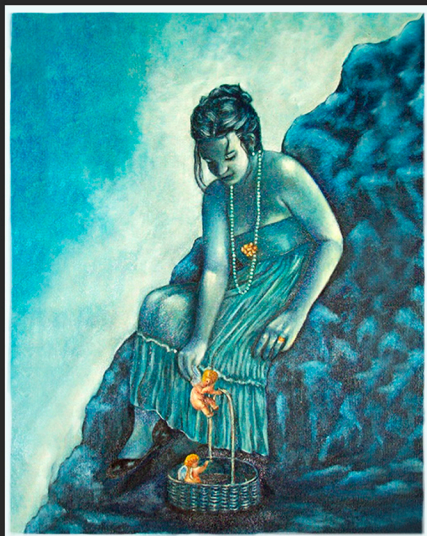


José Leon Machado

A Vendedora de Cupidos



ROMANCE

Edições Vercial

A Vendedora de Cupidos

Ficha Técnica

Título: *A Vendedora de Cupidos*

2.^a edição revista

© Copyright José Leon Machado, 2010-2013

Todos os direitos reservados.

Edições Vercial, Braga

Internet: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>

ISBN-13: 978-1475037258

ISBN-10: 1475037252

Os nomes e as ações narradas nesta obra são produto da imaginação do autor e, tirando as personalidades históricas referidas, qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é pura coincidência.

José Leon Machado

A Vendedora de Cupidos

Romance

Edições Vercial

*Há mais mistérios entre o céu e a terra do que
sonha a nossa vã filosofia.*

William Shakespeare

*O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?*

Alberto Caeiro

CAPÍTULO I

Estava o regedor no bem bom do calor da cama com a Dona Graça, quando alguém se pôs a gritar da eira. Levantou-se muito a contragosto, abriu a janela e deu com o sacristão.

– Que se passa, ti Clarindo? Morreu alguém?

– Fecha-me a janela, homem! – gritou-lhe a mulher da cama.

– Queres-me enregelar?

Ele voltou-se para dentro e não ouviu a justificação do sacristão acerca do despropósito da visita.

– Como queres tu que eu atenda quem está a chamar, se não abro a janela? – protestou.

– Sempre podes descer e atender quem for em sítio mais apropriado. Além disso, não sei que tem esta gente que não nos deixa em paz nem ao sábado de manhã. Terá o regedor de estar sempre disponível para o que der e vier? A maior parte das vezes que aqui vêm é por mor do roubo de galinhas.

– Ó mulher, quando eu fiz as juras para regedor, comprometi-me a tratar de todos os assuntos que dizem respeito à justiça na freguesia, seja roubo de galinhas sejam obras de maior monta.

– Olha, o homem continua a gritar. Vai lá ver o que ele quer. Mas fecha-me essa janela pelas almas de quem lá tens. Ainda me congelas a madre.

– Cá me terás para ta descongelar daqui a um cibo.

O regedor fechou a janela, vestiu umas calças por cima das ceroulas, botou um casaco pelas costas, calçou os socos e desceu à eira. Era dezembro e estava uma manhã fria e cinzenta.

– Pois então que foi desta vez, ti Clarindo? – perguntou ao aproximar-se do sacristão. – Não me diga que assaltaram a igreja!

– Antes fosse, Pedro, antes fosse. Nem vais acreditar no que tenho para te dizer.

– Se vossemecê não desembucha, lá se vai a manhã e ainda aqui estamos.

– A coisa é tão séria, que nem sei como começar.

– Mas quê? Os mineiros voltaram a fazer das suas?

– Que sei eu lá disso? Nunca fui às minas nem quero nada com os mineiros. É gente sem Deus, que não põe os pés na igreja. É por isso que eu não compreendo porque é que o padre Desidério anda, ou andava, sempre com eles atrás a cheirar-lhe a fralda da sotaina.

– Deixe-se lá de rodeios e diga-me afinal o que se passa. Tenho ali uma coisa que se esfria.

– Pois então aí vai: O padre Desidério apareceu morto na cama.

O regedor esfregava as mãos uma na outra e olhava para os socos enquanto o sacristão lhe contava o pouco que sabia das circunstâncias da morte do pároco da Gralheira.

Quando o velhote terminou, o regedor disse:

– O ti Clarindo não quer entrar? Há de tomar comigo uma tigela de cevada.

O sacristão não aceitou. Disse que já tinha bebido a dele. O regedor sugeriu-lhe então que fosse andando. Encontravam-se daí a um pedaço na residência paroquial.

Partiu o sacristão e o regedor entrou em casa para acabar de se vestir. Por essa altura, já a Dona Graça tinha descido e estava na cozinha a avivar o fogo da lareira e a deitar água num pote.

– Pensei que ainda ficavas na cama – comentou o marido um pouco desconsolado ao vê-la ali embrulhada num xaile.

– Sozinha que ficava eu a fazer? Além do mais, já sei no que dão estas chamadas depois do cantar do galo: Tu sais e só apareces à noite. Que foi desta vez? Um assalto à igreja?

– Foi o que eu perguntei ao ti Clarindo. Mas infelizmente não.

– Se não foi assalto à igreja, que coisa pior havia de acontecer?

– O padre Desidério morreu – informou Pedro Fontes enquanto atava os cordões às botas.

– Cruzes! – exclamou a Dona Graça persignando-se. – Um homem tão novo? E como foi isso?

– É o que vou tratar de saber.

Bebeu em três goles a tigela de cevada que a esposa lhe passou para a mão, recomendou-lhe que mandasse o filho, logo que acordasse, dar de comer aos animais, e saiu.

Era de grande estatura o regedor, um dos homens mais altos da freguesia. Não foi esse o motivo principal de ter sido escolhido para o cargo, embora tivesse algum peso, pois um regedor alto, forte e sério como o Gary Cooper metia respeito aos mariolas e era um bom dissuasor de contendas. Para o cargo, contara a honradez, a experiência na Grande Guerra, as letras – era importante que um regedor soubesse ler e escrever – e os haveres. As suas funções incluíam a recolha de dados para o censo da população quando para isso era solicitado, o que raramente acontecia, o policiamento da freguesia, a recolha de estatísticas sobre a agricultura local, a afixação de decretos governamentais e avisos camarários, a notificação dos mancebos para o serviço militar e a comunicação à Câmara Municipal de irregularidades na administração da freguesia pela Junta.

Ao passar no Lugar da Barrela, bateu à porta do Delfim, o cabo da regedoria, e disse-lhe para o acompanhar.

– Mas, ó compadre, eu tinha umas coisas a tratar – desculpou-se ele enquanto acabava de apertar o cinto das calças.

– Hão de ficar para outro dia. Em assuntos sérios, o cabo deve acompanhar o regedor.

– E que ganho eu com isso? O coveiro e o sacristão têm mais lucro do que eu.

– A regedoria é um serviço não remunerado à comunidade e deve ser uma honra para qualquer um cumpri-lo.

– Pois sim. Se não tivesse outro ofício, bem que já tinha morrido de fome eu e a família.

– Queixas-te? Olha que não falta quem te queira o lugar.

– Se não fosse pelo compadre, bem que o largava. Só me traz consumições. Para já não falar na perda de tempo.

– Vamos embora, Delfim, antes que o corpo arrefeça.

– O corpo? Mas morreu alguém?

Foi pelo caminho que o regedor lhe contou que o padre Desidério tinha aparecido morto na cama. O sacristão não sabia pormenores. Como não compareceu à missa das sete, o ti Clarindo decidiu ir à residência paroquial, pensando que ele não tivesse acordado. Bateu à porta, chamou, mas ninguém atendeu. Foi então que apareceu a menina Ester, a criada. Estava na igreja à espera da missa. Era costume ir depois para a residência paroquial servir o pequeno-almoço ao padre e por lá ficar até à noite em trabalhos domésticos.

A menina Ester, que tinha as chaves, entrou na residência e foi dar com o padre morto na cama. O sacristão ouviu os gritos da criada e decidiu entrar. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça ao vê-lo naquele estado foi ir tocar a finados. Mas, sendo chamado à razão pelo escarcéu da criada, que andava à volta do morto como uma galinha à volta de um pinto que acabara de estalar a casca do ovo, achou por bem ir primeiro chamar as autoridades.

– Deve ter adormecido e não acordou. Morte santa! – comentou o cabo.

– Se é santa ou não, é o que vamos tentar averiguar – acrescentou o regedor, sempre cético sobre o mundo e os homens que o habitam.

Passavam alguns minutos das oito quando os dois homens chegaram à residência paroquial. As velhotas, que costumavam madrugar para ouvir missa, estavam à entrada a comentar o sucedido. A criada juntara-se a elas, a limpar as lágrimas ao avental. O regedor pediu-lhe que abrisse a porta e entrou com o cabo. Conhecia mais ou menos a casa e deu facilmente com o quarto.

A menina Ester tinha aberto as portadas da janela e a luz do dia permitia uma visão razoável do interior. O regedor rodeou a cama e observou o cadáver. Estava muito direito, no centro, a cabeça no travesseiro como a tinha descrito o sacristão e as mantas esticadas até ao peito como se tivessem acabado de ser aconchegadas por alguém. Tinha os olhos fechados e dava a ideia de que dormia.

– Estará mesmo morto? – perguntou o cabo.

– Tudo indica que sim. Chega-me esse espelho que está pendurado junto à bacia de lavar as mãos.

O cabo retirou da parede um pequeno espelho que servia ao padre para desfazer a barba e passou-o ao regedor. Este aproximou-o da boca e do nariz do cadáver e esperou um minuto que contou pelo relógio. Depois retirou o espelho e observou. Não havia sinais de vapor de água.

– Sim, o homem está morto.

Devolveu o espelho ao cabo e observou mais uma vez o cadáver.

– Há aqui qualquer coisa que não está bem.

– O quê? Não vejo nada demais.

– As mãos do padre estão debaixo da roupa, o que vai contra os preceitos da castidade.

– Boa vai ela! E como sabe o compadre isso?

– Eu tinha um tio padre, que Deus haja, que repetia muitas vezes aos sobrinhos: As mãos sempre fora das mantas para não haver tentações de mexer onde não se deve.

– Há de ver que o padre Desidério teve frio. Até eu o tive esta noite, e estava bem aconchegado à minha mulher.

– Pode ser. Mas os preceitos nesse ponto são muito claros, esteja frio ou calor.

– Talvez ele desta vez se tenha deixado cair na tentação. Ou então achasse que isso das mãos fora da roupa era uma regra difícil de cumprir em dezembro.

Feita a observação preliminar ao cadáver, o regedor dedicou alguns minutos a examinar o quarto.

Sobre a mesinha de cabeceira havia um lenço, um *passe-partout* com o retrato de um casal de labregos, provavelmente os pais do clérigo, e um breviário de capa sebosa. O regedor pegou no breviário e abriu-o. A fita de seda que servia de marca estava a meio das completas do dia anterior. Poisou o livro e abriu a primeira gaveta da mesinha. Ali se amontoavam meias pretas enroladas em

bola e lenços dobrados. A segunda gaveta continha objetos vários: uma caneta, uma agenda de 1943, o bilhete de identidade, algumas fotografias do próprio e de alguns familiares e amigos, e qualquer coisa que destoava de tudo aquilo: uma liga vermelha rendada. O regedor pegou-lhe com dois dedos e observou-a de perto.

– Que é, compadre? – quis saber o cabo.

– Não estou bem certo. Mas parece-se com uma liga que é prática as mulheres usarem para segurar as meias.

– Uma liga? E para que guardava o padre Desidério uma liga?

– Aí está uma boa pergunta.

Chegou a liga ao nariz e sentiu um vago aroma a nardo.

Ficaram ambos mais incomodados com o estranho achado do que com o padre morto ali ao lado.

O regedor guardou a liga no bolso e o mesmo fez com a agenda. Depois baixou-se e espreitou para debaixo da cama. Puxou o penico e verificou que estava vazio.

– O padre Desidério deve ter morrido antes das três da manhã.

– E como é que o compadre sabe?

– Pelo penico.

– Pelo penico?

– Costumas levantar-te de noite para verter águas?

– Sim, às vezes.

– A que horas?

– Depende. O mais habitual é a meio da noite.

– Ora então pertences ao comum dos mortais. Eu também costumo levantar-me a meio da noite para ir ao penico. Ora, o meio da noite não é a meia-noite, como é uso dizer-se, mas às três da manhã. O padre morreu antes de verter as águas, ou seja, antes das três.

– E isso importa?

– Se importa? Talvez sim, talvez não. Mas quando morre alguém sem testemunhas, é procedimento normal tentar saber a que horas foi o falecimento. É para isso que aqui estamos: para averiguar.

– Não o entendo. Para averiguar o quê? Pois então o homem não morreu de morte natural?

– À primeira vista, parece. E Deus queira que assim tenha sido.

– Não me diga que desconfia que possa ter havido um crime!

– Sobre isso, não digo nada. Mas deixemo-nos de conversas. É preciso terminar o exame. Que mais temos por cá?

– As botas, compadre.

Aproximaram-se das botas, junto à porta. O regedor pegou nelas e analisou-lhes os tacões.

– O que é que temos aqui?

Procurou a navalha no bolso e com ela retirou dos interstícios do tacaõ da bota direita duas pequenas pedras brancas com manchas escuras.

– Bocados de quartzo – constatou. – E com umas pitadas de volfrâmio. O padre Desidério tem andado a visitar a mina, pelos vistos.

– Será para converter as almas dos pecadores. Há muita gente a trabalhar na mina que, com a febre do volfrâmio, se tem esquecido de Deus. A minha sogra até diz que a mina está a meio caminho do inferno.

O regedor embrulhou as pedras num lenço surrado que trazia e colocou as botas no chão, simétricas, como fazia na Flandres quando visitava a *mademoiselle* Colette, uma das prostitutas mais concorridas do Paradis, aldeola onde o batalhão a que pertencia parava para descansar das agruras das trincheiras.

A batina estava pendurada num gancho da porta e chamou-lhe a atenção. Deu-lhe uma revirada. Tinha alguma lama seca nas pontas e, num dos bolsos, encontrou um molho de chaves e no outro um bilhete dobrado em quatro que dizia: «Me espera amanhã às dez na capela de São Brás. M. C.».

A letra redonda era certamente feminina e aquele M. C. podia ser uma Maria da Conceição da freguesia, onde elas se contavam às dezenas, entre velhas e novas. Fez-lhe alguma confusão

aquele *me* antes do verbo, mas atribuiu-o às poucas letras da autora. Pelos vistos, o padre Desidério andava a receber bilhetinhos para encontros clandestinos. Quem neste caso seria o corno? Esta palavra subitamente iluminou-lhe o entendimento.

– Temos de analisar o cadáver – disse para o cabo, pendurando a batina no gancho. – Ajuda-me a puxar a roupa para trás.

Cada um de seu lado puxou as orelhas das mantas para o fundo da cama e o corpo ficou à vista. O clérigo vestia umas ceroulas brancas e uma camisola com três botões no peito a combinar. À primeira vista, nada de anormal lhes chamou a atenção. O regedor observou o pescoço mais de perto, a cabeça com a tonsura. Depois puxou a camisola para cima e observou o ventre e o peito. Não havia sinais de sangue nem de ferimentos.

– Ó Delfim, vamos pôr o homem de lado. Quero ver-lhe as costas.

Ali também não havia qualquer indício de que o clérigo fora ferido ou agredido.

– Parece estar tudo normal. Exceto que ele está morto, claro. Deve ter morrido de um enfarte enquanto dormia.

– É a melhor morte que se pode ter – comentou o cabo.

– Uma vez que não há indícios de crime, não vale a pena chamar a G.N.R. Temos de avisar a família e o paço episcopal para dar início aos preparativos do funeral. O nosso trabalho aqui, se é que o houve, terminou.

– Graças aos céus! A companhia de um morto é sempre molesta, e mais ainda para quem está em jejum.

À saída, o regedor chamou o sacristão e a criada à parte e fez-lhes algumas perguntas sobre o modo como encontraram o clérigo pela manhã. O que eles disseram nada veio acrescentar ao que já tinham anteriormente declarado. O regedor pediu então ao sacristão que mandasse chamar o cangalheiro para tirar as medidas ao defunto e arranjar caixão. Quanto à família, que vivia em Gontim, ele próprio a informaria.

O telefone público da Gralheira encontrava-se na venda do

Forrete, um quilómetro e meio abaixo da residência paroquial. Quando o regedor lá chegou, já o merceeiro sabia da morte do padre. Sabendo o merceeiro, não demoraria muito que soubesse toda a freguesia. E mesmo que não fosse ele a espalhar a notícia, seriam os sinos que o sacristão daí a pouco faria repicar.

O regedor, sem grandes explicações, disse ao merceeiro que queria telefonar para Gontim. Este puxou pela lista e procurou o telefone público dessa localidade. Discou os números, esperou e foi atendido do outro lado por uma voz masculina que, aos gritos, o informou de estar a ligar para a venda do Caça-Mais, em Gontim.

– Não precisa de gritar, homem. Não sou surdo – protestou o Forrete também aos gritos.

O outro desculpou-se perguntando como poderia ele ouvi-lo do outro lado se falasse baixo. O Forrete pensou que o merceeiro de Gontim tinha um parafuso a menos e passou o auscultador ao regedor. Este disse quem era e pediu o favor de mandar recado à família do padre Desidério da Costa Pina a informar que ele tinha falecido e que o funeral seria talvez pela tarde do dia seguinte. O merceeiro de Gontim prometeu dar o recado, o regedor agradeceu e desligou.

Depois o regedor pediu ao Forrete que ligasse para o paço episcopal. Atendeu um secretário de voz maviosa. Pedro Fontes agarrou-se ao telefone e deu-lhe a notícia da morte do pároco. O secretário não quis saber pormenores, mas pediu-lhe para aguardar. Iria passar a informação a sua excelência o sr. arcebispo.

Enquanto esperava, sentou-se a uma mesa e pediu qualquer coisa para trincar. O cabo, que o acompanhava, sentou-se ao lado. A manhã ia quase a meio e o regedor, fora a cevada que tomara à pressa antes de sair de casa, estava em jejum. O merceeiro cortou uma chouriça gordurosa às rodelas para um prato esbeçado e foi esse o conduto que juntaram ao pão de milho de que previamente tinham sido servidos. Para empurrar, o Forrete pôs-lhes à frente uma caneca de vinho. Beberam-no pela mesma malga, também esbeçada. Na venda, tudo era esbeçado: os pratos, as malgas, as

mesas, as cadeiras, o balcão e o próprio dono, que apresentava herpes horríveis nos lábios. Havia quem dissesse no gozo que os herpes se deviam a certas práticas a que a mulher o obrigava. Más-línguas.

Estava o regedor a meter uma rodela de chouriça à boca quando entrou Altino Pinheiro, o presidente da Junta, de botas de cano, esporas e chibata na mão.

– Bons dias a todos – saudou.

Dirigiu-se à mesa ocupada e disse a meia voz:

– Então o padre Desidério sempre entregou a alma ao criador?

– Quanto a isso não há dúvida – respondeu o regedor enchendo a malga.

– E a dúvida, se a há, diz respeito a quê? – quis saber o presidente com uma pontinha de suspeição.

– Diz respeito à causa da morte.

– Mas o homem não morreu de causa natural?

– Tudo indica que sim. Mas eu não sei. Só um médico o pode dizer com segurança.

– Ó Fontes, e tu achas que valerá a pena mandar vir um médico aqui para averiguar?

– Se queres que te diga, não sei. O homem está morto e o médico não pode fazer nada. Mas sempre se tiravam dúvidas.

O presidente sentou-se numa cadeira vaga. Ali, com o merceeiro de orelhas atentas, não era sítio para falar de assuntos tão delicados. Baixou ainda mais a voz, chegou-se ao regedor e disse com alguma ponderação:

– Talvez seja melhor deixar ficar as coisas como estão.

Fez-se silêncio na mesa. O regedor olhou o presidente com desconfiança e perguntou a meia voz:

– Há alguma coisa que tu saibas que eu não saiba?

– Pode ser mau para a freguesia. Imagina a escandaleira que haveria de ser se houvesse suspeitas de que o padre não morreu de morte natural. Armava-se aí o trinta e um. Já nos bastam as revoltas

da população por causa das requisições do Grémio, os problemas com os mineiros e o roubo e o contrabando de volfrâmio. Não é de todo conveniente que a G.N.R. ande por aí a cheirar.

O regedor compreendia os receios do presidente. Não era nada conveniente que as autoridades andassem na Gralheira a meter o nariz. Sabe-se lá o que descobririam. Por outro lado, o regedor, sendo a autoridade policial da freguesia, tinha o dever de investigar um crime até onde lhe fosse possível e chamar a Guarda caso fosse necessário. Não queria isto dizer que ele pensasse que no caso do padre Desidério houvesse um crime. Nada apontava para isso, embora pudesse haver motivos por parte de algum marido ciumento de o querer despachar. Mas custava-lhe a crer. Um padre, por maiores maroteiras que fizesse, era, aos olhos dos fiéis, sagrado e por isso intocável.

Por outro lado, Pedro Fontes devia o cargo de regedor ao presidente da Junta e a Júlio Torrão, o brasileiro. Foram eles, como figuras principais da freguesia, que sugeriram o seu nome à Câmara Municipal. Se o presidente dizia que o melhor era deixar estar as coisas como estavam, isso queria dizer que estava a dar-lhe indiretamente uma ordem e que o melhor era cumpri-la.

– Podes ficar descansado. Não será a morte do padre Desidério a causar desassossego na Gralheira. Amanhã reza-se-lhe pela alma e enterra-se o corpo. Dentro de um mês, o mais tardar, teremos padre novo. Mas isso incumbe-te, como secretário da Comissão Fabriqueira, marcar audiência com o sr. arcebispo e tratar do assunto.

– Quanto a isso, não há de haver preocupação. Ninguém ficará sem sacramentos por muito tempo.

– A bem da freguesia! – exclamou o regedor erguendo a malga cheia de carrascão.

– A bem da nação! – acrescentou o presidente, tomando a malga em seguida e bebendo fundo.

Foi nessa altura que entrou um rapazola, filho do caseiro de Júlio Torrão, o brasileiro, a trazer recado.

– O sr. Júlio manda o sr. regedor ir à Quinta dos Barbadinhos. Quer falar com vossemecê.

– Ele disse do que se tratava?

– Não, senhor.

– Já lhe deve ter chegado a notícia – aventou o presidente.

– Diz-lhe que passo lá da parte da tarde.

– Ele quer falar com vossemecê agora – insistiu o rapaz.

– Agora não posso. aguardo um telefonema do secretário do arcebispo.

– Ó Fontes, vai lá ver o que ele quer. Eu falo com o secretário.

O regedor ergueu-se e mandou apontar a despesa na sua conta. O presidente disse que não senhor, que pagava ele, e acompanhou-o até à saída. O seu cavalo estava atado ao poste do telefone e batia com uma pata da frente no chão, talvez de frio, talvez de impaciência pela espera.

– Quero pedir-te que leves tudo isto com calma e discrição. Quando morre um velho de enfarte, uma mulher no parto ou um catraio de febre, pouca mossa faz. Mas um padre é outra coisa. Se te fizerem perguntas, não te ponhas com dúvidas. Deves ser firme naquilo que disseres. As pessoas querem certezas, para seguirem a sua vida. Já basta o medo da guerra e a falta de géneros.

O presidente voltou para dentro da venda e o regedor seguiu estrada acima, em direção à Quinta dos Barbadinhos, com o rapaz um pouco à frente. O vinho e a chouriça gorda caíram-lhe mal. Estava já arrependido de ter dito à esposa que não iria comer a casa. Sempre teria uma sopa quente e umas batatas cozidas com uma nisca de bacalhau.

Em dezembro não havia grande coisa para fazer no campo. De outro modo, lá se ia um dia perdido. Começava a pensar que o cargo de regedor dava mais consumições do que proveitos. O cabo tinha razão. Que ganhavam em todas aquelas incumbências? Ainda não fora há muito tempo que, ao intervir numa bulha entre vizinhos que se queriam matar à sacholada, ele apanhou um golpe de raspão num braço. Nas últimas vindimas, dois rapazolas

puxaram de navalha por causa de uma moçoila e um abriu a barriga ao outro. Afortunadamente não morreu, mas quem teve de tratar de tudo foi o regedor. Correu com o rapaz para o hospital, apresentou queixa na G.N.R. e era ele agora que andava pelos tribunais em mil e uma enrascadas, contrafés para aqui, arrolamento de testemunhas para acolá. A família do agressor acabou por ameaçá-lo se o filho fosse condenado.

Na primeira oportunidade, largaria o cargo. Que arranjassem outro. Não que fosse um covarde ou não gostasse de ajudar a comunidade. Mas que podia ele fazer? Era um pau mandado. O mundo não era perfeito e o pedaço em que vivia menos do que nenhum outro.